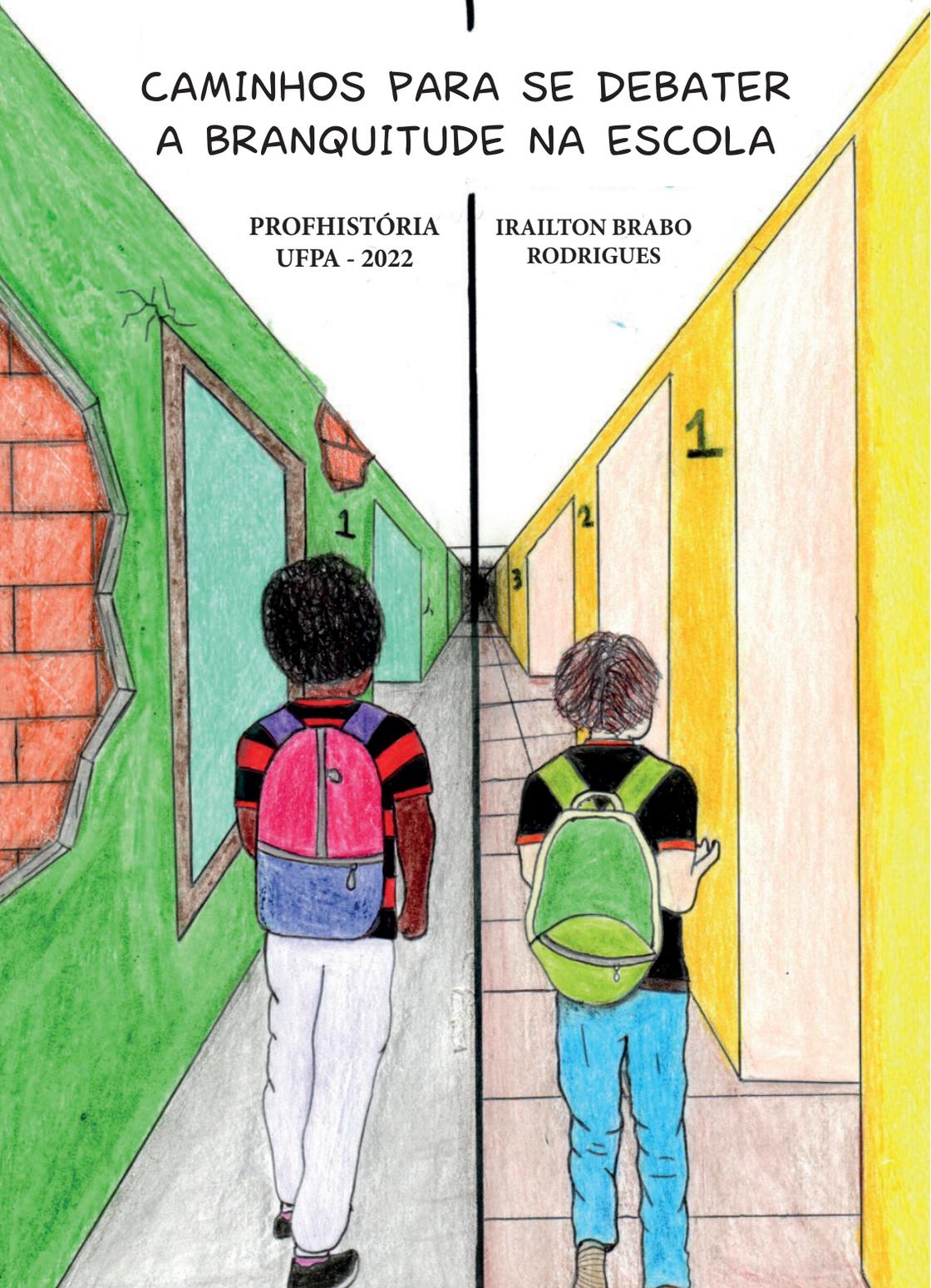


CAMINHOS PARA SE DEBATER A BRANQUITUDE NA ESCOLA

PROFHISTÓRIA
UFPA - 2022

IRAILTON BRABO
RODRIGUES





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

IRAILTON BRABO RODRIGUES

CAMINHOS PARA SE DEBATER A BRANQUITUDE NA ESCOLA

ANANINDEUA – PA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R696c Rodrigues, Irailton Brabo.
Caminhos para se debater a branquitude na escola / Irailton
Brabo Rodrigues. — 2022.
30 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Luiz Augusto Pinheiro Leal
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional em
Ensino de História, Ananindeua, 2022.

1. Ensino de História. 2. Branquitude na escola. 3.
Cartilha. 4. ProfHistória - Produto. I. Título.

CDD 907

CAMINHOS PARA SE DEBATER A BRANQUITUDE NA ESCOLA

Produto educacional apresentado à Banca Examinadora do Programa de Mestrado em Ensino de História – ProfHistória da Universidade Federal do Pará, campus de Ananindeua, como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto Pinheiro Leal.

**ANANINDEUA – PA
2022**

Lista de Ilustrações

Figura 1: https://temasdaeducacao.blogspot.com/2010/03/lei-10639-de-9-de-janeiro-de-2003.html	05
Figura 2: https://www.institutobuzios.org.br/educacao/	05
Figura 3: https://www.dreamstime.com/	06
Figura 4: https://brainly.com.br/tarefa/31451756	07
Figura 5: https://br.pinterest.com/pin/29554941282106183/	07
Figura 6: Acervo pessoal	08
Figura 7: Acervo pessoal	08
Figura 8: https://www.acaoeducativa.org.br/relacoesraciais/a-cor-da-cultura/	09
Figura 9: Acervo pessoal	10
Figura 10: Acervo pessoal	10
Figura 11: Acervo pessoal	11
Figura 12: Acervo pessoal	12
Figura 13: Acervo pessoal	13
Figura 14: Acervo pessoal	13
Figura 15: Acervo pessoal	13
Figura 16: https://davidmassena.com/idiomas-jeje-preservados-nos-cultos-afro-brasileiros-serao-patrimonio-imaterial-do-estado/	14
Figura 17: https://www.benandjerry.com.br/novidades/2020/07/compromissoantirracista	14
Figura 18: https://memoriasdaditadura.org.br/cnv-e-negros/	14
Figura 19: https://www.istockphoto.com/br/fotos/south-african-face-paint	15
Figura 20: Acervo pessoal	16
Figura 21: https://conhecimentocientifico.com/escravidao-africana-contexto-como-ocorreu-e-o-destino-dos-cativos/	17
Figura 22: https://www.febpr.org.br/index.php?/noticia/foram-os-militares-que-disseram-ao-governo-o-que-aceitam-na-previdencia	18
Figura 23: Acervo pessoal	19
Figura 24: Acervo pessoal	19
Figura 25: Acervo pessoal	22
Figura 26: Acervo pessoal	23
Figura 27: Acervo pessoal	24
Figura 28: Acervo pessoal	25
Figura 29: Acervo pessoal	26
Figura 30: Acervo pessoal	30



SUMÁRIO

NOTAS INICIAIS	04
INÍCIO DA CAMINHADA	05
A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA: “TOMA, TE VIRA, VÊ AÍ O QUE TU FAZ”	06
TIRANDO DO PAPEL E PARTINDO PARA A AÇÃO	07
MOMENTO DE OBSERVAÇÃO E APRENDIZADO	08
MAIS UMA EXPERIÊNCIA: NOVIDADE E ÊXITO	09
A SATISFAÇÃO DE UM ÊXITO COMPARTILHADO	10
FAZER AS FALAS: MAIS UM DESAFIO	11
AS FALAS E OS MATERIAIS	14
A INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE AFRICANA NO BRASIL	15
RACISMO À BRASILEIRA	16
DITADURA MILITAR E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL	18
PORQUE “COTA NÃO É ESMOLA”	19
PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS FALANDO SOBRE BRANQUITUDE	20
ÚLTIMOS PASSOS NO DEBATE DA BRANQUITUDE	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS E ALGUMAS PROPOSTAS	27
REFERÊNCIAS	30

NOTAS INICIAIS

Qual ou quais seriam os caminhos para se debater a branquitude na escola atualmente? Podemos responder que, desde que esteja seguro, é o que você achar melhor. Começamos com uma pergunta e resposta aparentemente simples, mas que tivemos certa dificuldade para chegar a este termo. Primeiro pelo processo de auto reconhecimento como pessoa preta; a seguir pela tentativa de nos enquadrarmos como um “quase branco”, mas não preto; pela educação básica que recebemos etnocentrada na história branca de origem europeia. O primeiro passo positivo foi em nossa graduação, na qual o currículo começara a sofrer mudanças; seguido de uma especialização em História e Cultura Afro-brasileira, que foi o início de nossa base acadêmica sobre relações étnico-raciais e de onde partimos para o debate que propomos e passamos a descrever o percurso.

Aqui, surge então, a partir de nossa dissertação no Mestrado Profissional em Ensino de História, no ProfHistória – UFPA, como proposta de intervenção/ mediação histórico-didática a ser divulgada e aplicada na escola de atuação profissional do professor pesquisador, esta que chamamos de Cartilha “Caminhos para Debater a Branquitude na Escola”. Com a descrição de nossas experiências no decorrer de nossa atuação profissional ao buscar a aplicação do que determina a legislação até chegar as experiências mais recentes nas quais debatemos a branquitude e o seu papel na

discussão e combate ao racismo e violências sociais. E com sugestões de intervenções, como aplicação de oficinas (in) formativas, elaboração de projetos integradores e ou de Projeto de Vida, competências gerais da educação básica e obrigatória do Novo Ensino Médio. O “produto” aqui previamente descrito está voltado não somente para alunos e professores, mas também para pais, mães, familiares em geral e à toda comunidade escolar e não escolar, todo mundo que desejar buscar conhecimento e informação, pois acreditamos que o ensino de história não está circunscrito a escola e, em tempos de revisionismos e negacionismos, inclusive, é importante que cada vez mais o ensino de história esteja apto e presente nos debates da atualidade para fazer frente a esses discursos que tanto tem incomodado e atrapalhado o debate sério feito com argumentos científicos e não com opiniões e conjecturas.





INICIO DA CAMINHADA

Nossa preocupação inicial era a de como atuaríamos e faríamos valer na prática, as leis 10.639/2003 e depois 11.645/2008 que instituíram a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira e História e Cultura indígena no ensino fundamental e médio.

Figura 01e 02: Imagens em referência as leis 10.639/03 e 11.645/08 a primeira disponível no Blog Temas da Educação e a segunda no site do Instituto Búzios. Links das imagens 1 e 2 a seguir: <https://temasdaeducacao.blogspot.com/2010/03/lei-10639-de-9-de-janeiro-de-2003.html> <https://www.instituto-buzios.org.br/educacao/>



A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA: “TOMA, TE VIRA, VÊ AÍ O QUE TU FAZ”

O título resume bem nosso primeiro passo nesta caminhada pois, a diretora da escola em qual trabalhávamos nos deu um projeto rascunhado por uma mãe de aluno e “falou” mais ou menos o que está no título. Fizemos correções, acréscimos e elaboramos uma série propostas a serem executadas desde o 6º ano

do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio, em todas as disciplinas.

O projeto não teve êxito, ficando as atividades circunscritas a nossa disciplina, isso quando tínhamos tempo, para realizarmos na semana da Consciência Negra. Esta foi e é a realidade em muitas escolas.



Figura 03: imagem em referência a nossa “FRUSTAÇÃO” do site <https://www.dreamstime.com/>

TIRANDO DO PAPEL E PARTINDO PARA A AÇÃO

Tentamos levar a diante algumas das atividades que tínhamos proposto e a que teve um resultado que consideramos satisfatório foi a que fizemos com as turmas de 1º e 2º anos do Ensino Médio. Como a escola estava bastante deteriorada, com uma reforma parada a anos. Pintamos algumas paredes das salas, com letras de músicas que faziam referências a cultura negra. Letras de Músicas de Gilberto Gil e Sandra de Sá foram algumas que os estudantes estamparam nas paredes. Isso depois de propormos, explicarmos, debatermos a temática com as turmas, compramos os materiais necessários e acompanhamos de perto a confecção da atividade em cada turma.



ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

(...)

Mesmo depois de abolida a escravidão
 Negra é a mão de quem faz a limpeza
 Lavando a roupa encardida, esfregando o chão
 Negra é a mão, é a mão da pureza
 Negra é a vida consumida ao pé do fogão
 Negra é a mão nos preparando a mesa
 Limpando as manchas do mundo com água e sabão

(...)

Éta branco sujão
 (Gilberto Gil, "A mão da limpeza")

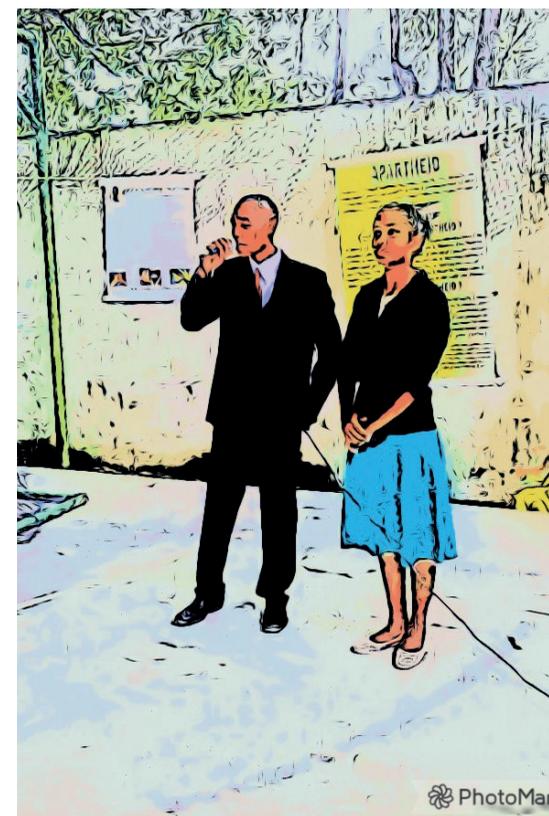
Figuras 04 e 05: Trechos de duas músicas que foram utilizadas. "A mão da limpeza" de Gilberto Gil e "Olhos coloridos" de Sandra de Sá. Links para as imagens: Figura 4: <https://brainly.com.br/tarefa/31451756> Figura 5: <https://br.pinterest.com/pin/29554941282106183/>



MOMENTO DE OBSERVAÇÃO E APRENDIZADO

No ano de 2013 na Escola Professora Albanizia Oliveira Lima ficamos a observar e aprender com um evento que já estava organizado por uma equipe de professores da escola. Um jogral, representações feitas pelos alunos de personagens importantes da história do Brasil e mundial foram o ponto alto do evento.

Figuras 06 e 07: Escola Albanizia de Oliveira Lima em 2013. Acima montagem feita por uma das turmas sobre Angola. E representação de Barak Obama e Michele Obama, feitas por alunos em umas das atividades que foram propostas. Acervo pessoal.



PhotoMania

MAIS UMA EXPERIÊNCIA: NOVIDADE E ÊXITO

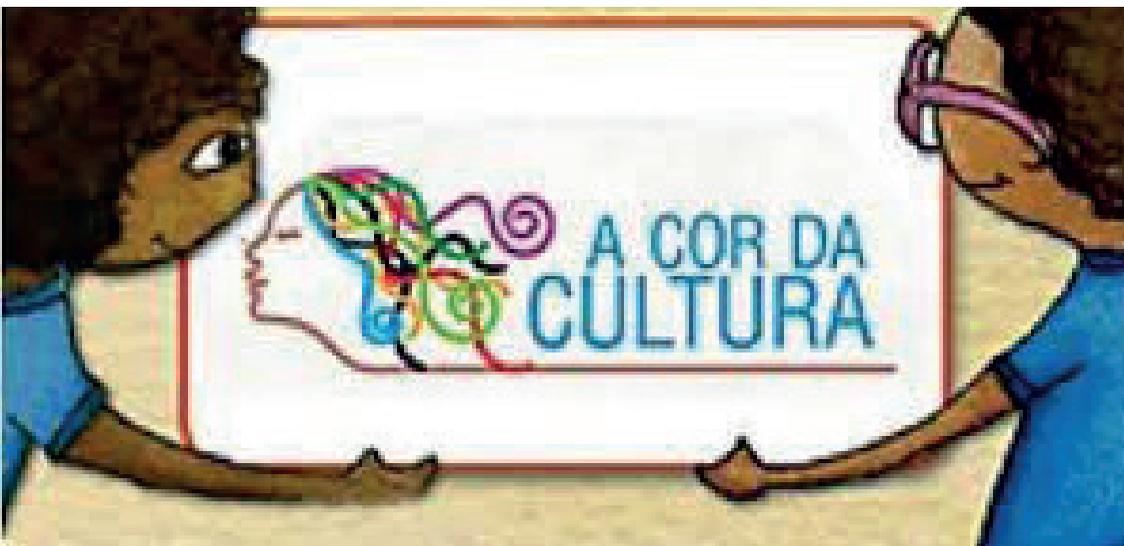


Figura 08: Imagem com a logomarca do Projeto a Cor da Cultura. Link para a imagem: <https://www.acaoeducativa.org.br/relacoesraciais/a-cor-da-cultura/>

Foi a partir de uma formação sobre o Programa “A Cor Da Cultura”, da Fundação Roberto Marinho, que segundo a mesma: “A Cor da Cultura é um programa de valorização da cultura negra. O conteúdo áudio visual e pedagógico sobre o tema é utilizado na tela do Futura e como material de estudo e de debate em uma rede de instituições parceiras”. (FRM, 2022). Nos lançamos a uma nova experiência, promovendo e fazendo falas (palestras) em eventos de escolas públicas.



A SATISFAÇÃO DE UM ÊXITO COMPARTILHADO

Nossa primeira tentativa na promoção de palestras, foi a de levar a escola Luiz Nunes Direito, um casal, ambos sacerdotes de uma religião de matriz africana, que conhecemos na formação “A Cor Da Cultura” onde falaram abertamente sobre sua religião e suas experiências e, podemos considerar esta atividade também como nosso primeiro êxito compartilhado, para além da sala de aula, graças a boa e interessante receptividade dos estudantes e do apoio que nos foi dado por nossa coordenadora pedagógica.

Figuras 09 e 10: Evento realizado na Escola Luiz Nunes Direito em 2015, com alunos do Ensino Médio. Acervo pessoal.





FAZER AS FALAS: MAIS UM DESAFIO

Nossa primeira experiência em falar para outros públicos foi em 2014 na Escola Albanizia de Oliveira Lima, onde contribuimos com uma fala básica sobre religiões e religiosidade africanas e afro-brasileiras.

Nos anos de 2016 e 2017 não foram de grandes contribuições em relação a atividades e palestras.

No ano de 2018 retomamos as palestras com 3 temas e 4 materiais de apresentações e neste ano chegamos a fazer 5 palestras durante a semana da Consciência Negra, em 3 escolas diferentes.



Figura 11: Falando sobre o tema Racismo à brasileira, 2018 escola Luiz Nunes Direito. Acervo pessoal



Figura 12: Falando sobre a influência da religiosidade africana no Brasil. Escola Serra Freire, 2018. Acervo Pessoal



Imagens 13, 14 e 15: Lembranças de um ano especial e produtivo, em 2018. Acervo Pessoal.



AS FALAS E OS MATERIAIS

A seguir listaremos os temas das palestras com uma descrição e exemplo dos materiais que usamos.



Figura 16: Desenho representando Orixás. <https://davidmassena.com/idiomas-jeje-preservedos-nos-cultos-afro-brasileiros-serao-patrimonio-imaterial-do-estado/> Figura 17: Cartaz de campanha de combate ao racismo <https://www.benandjerry.com.br/novidades/2020/07/compromissoantirracista>. Figura 18: Imagem de protesto do Movimento Negro Unificado na década de 1970. <https://memoriasdaditadura.org.br/cnv-e-negros/>



A INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE AFRICANA NO BRASIL

Este é o tema que a mais tempo trabalhamos árdua e insistentemente no combate ao racismo dentro do espaço escolar e na sociedade.

Usamos esta fala como instrumento para desmistificar, desmitificar e desfazer estereótipos que estão arraigadas dentro das escolas e na sociedade.

Figura 19: Tela inicial de nossa apresentação em slides sobre o tema A Influência da Religiosidade Africana no Brasil, ano de 2019. <https://www.istockphoto.com/br/fotos/south-african-face-paint>

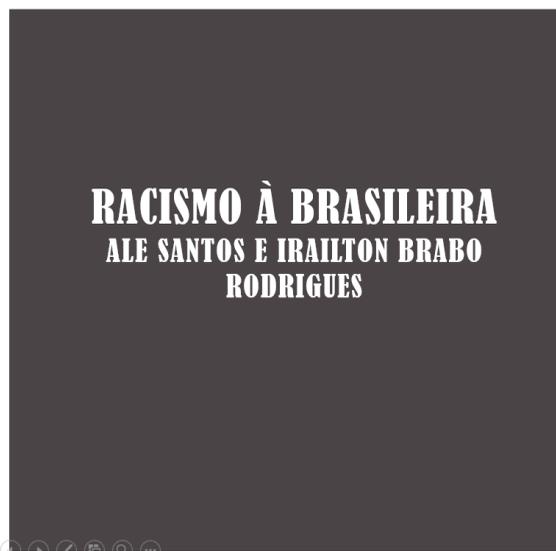
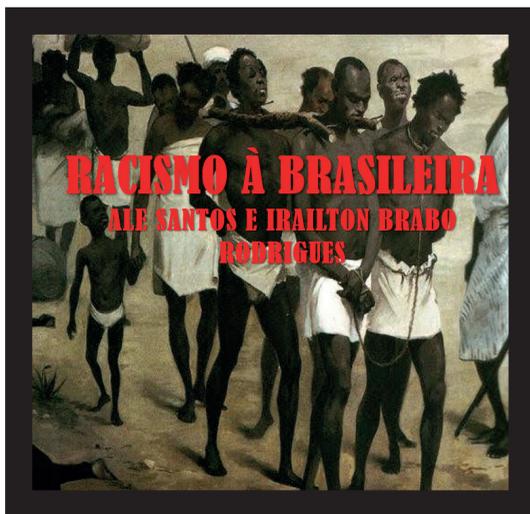


Figura 20: Tela inicial da 1ª apresentação sobre o tema “Racismo à Brasileira”, no ano de 2019.

Figura 21: Tela inicial da 2ª apresentação sobre o tema “Racismo à Brasileira”, ano de 2019. <https://conhecimentocientifico.com/es-crauidao-africana-contexto-como-ocorreu-e-o-destino-dos-cativos/>

RACISMO À BRASILEIRA

Trabalhamos este tema a partir de 2 textos postados, via 2 “threads” (fios), por Ale Santos em sua conta (@Savegefiction) de uma rede social. Ale Santos é um Escritor Afro futurista e um Storytelling, um termo em inglês, vindo de “Story” que significa história e “telling”, contar, ou seja, um contador de histórias, mas que usa técnicas de roteiristas e escritores para transmitir sua mensagem. Pedimos autorização



para usar seus textos e publicações. Fizemos as adaptações e acréscimos necessários e, além dos textos, com a ajuda de imagens e documentos discutimos como o racismo foi criado, alimentado e realimentado por governos e parte da sociedade, fazendo uso inclusive de discursos pseudocientíficos.

DITADURA MILITAR E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Passamos a debater o mito da “democracia racial” e o papel da ditadura militar, também com texto de Ale Santos, a partir de uma “thread” que finaliza o debate sobre o racismo, mas que já trabalhamos a parte. A intenção é mostrar como a ditadura militar foi uma das épocas mais sombrias da história brasileira. E lembramos como o governo da época trabalhou para oprimir o nas-

cimento e desenvolvimento de uma consciência negra no país. E que durante a DITADURA, a tese da “democracia racial” norteava o governo. Defendia que a miscigenação resolvera as diferenças entre brancos e negros no país. Porém, é bom frisar que a Comissão da Verdade concluiu, em 2014, que isso atrasou a criação de instrumentos jurídicos para denunciar o racismo.

Figura 22: A imagem está presente na 2ª apresentação sobre o tema “Racismo à Brasileira” e ilustra bem como os militares ainda estão ou voltaram a estar presentes, no cenário político brasileiro. <https://www.febpr.org.br/index.php/?noticia/foram-os-militares-que-disseram-ao-governo-o-que-aceitam-na-previdencia>





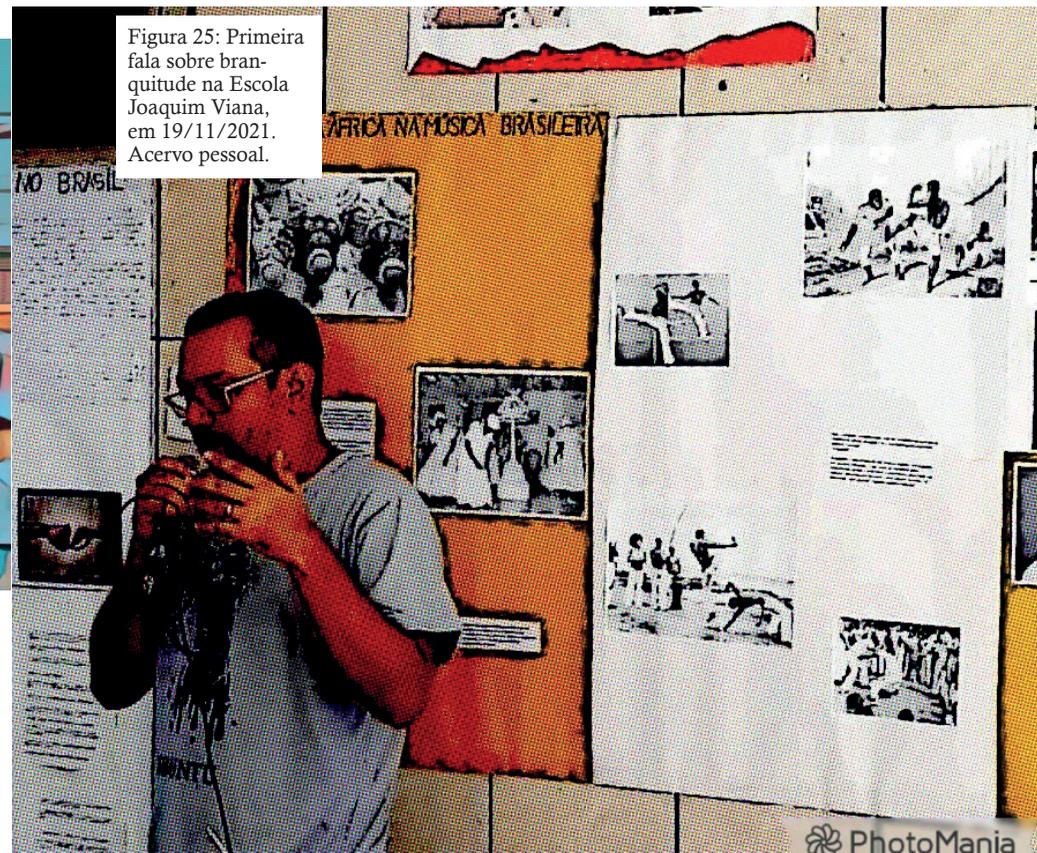
POR QUE COTA NÃO É ESMOLA

Em 2018, começamos a fazer parte do projeto/oficina “Ética e Política” na escola Joaquim Viana e, com o qual, passamos a contribuir com o módulo “(Re) Conhecendo a História e a Cultura Indígena e Afro-brasileira: por menos preconceito na escola e na vida”.

Em 2019, depois de apresentar-

mos nossa proposta/ideia, de trabalharmos materiais sobre a temática, de debatermos essas temáticas, conjuntamente com estudantes do 1º e 2º anos do Ensino Médio, preparamos uma apresentação da música “Cota Não é Esmola” de Bia Ferreira e também um Mural relacionado ao tema da música.

Figuras 23 e 24: Apresentação e mural em 2019, na Escola Joaquim Viana. Acervo pessoal. Link da apresentação ao vivo de Bia Ferreira no Sofar Sounds Curitiba com a música “Cota Não é Esmola”: <https://www.youtube.com/watch?v=QcQlaoHajoM>



PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS FALANDO SOBRE BRANQUITUDE

Em 2021, preparamos nossa primeira fala tendo a branquitude como base e teve como tema/título: Qual o papel da branquitude nas relações étnico-raciais na escola?

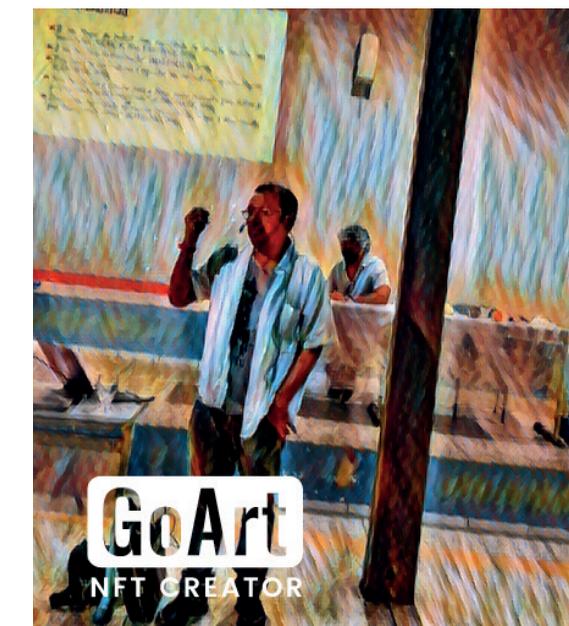
Fizemos 3 falas onde abordamos as re-

lações humanas e étnicas; esclarecemos as diferenças entre os conceitos de “raça” e “etnia”; conceituamos a branquitude; enfatizamos a importância da branquitude para o combate e superação do racismo; desta-

camos as principais características da branquitude no Brasil. Também buscamos apoio e reforço para essas falas no conceito de epistemicídio trabalhado por Sueli Carneiro e que muito nos auxilia.

Na última palestra fizemos uma parceria com um colega professor de geografia e o mesmo orientou sua fala a partir do pensamento decolonial. Aqui se faz necessário explicitarmos esses conceitos. A partir deste momento inserimos o termo e o debate sobre a branquitude na escola que trabalhamos e que foi o espaço onde desenvolvemos nossa pesquisa com estudantes e nossos colegas professores, aos quais somos muito gratos.

Figura 27: Em nossa última fala sobre branquitude no ano de 2021, no momento estávamos falando sobre as características da branquitude no Brasil. Acervo pessoal.



ÚLTIMOS PASSOS NO DEBATE DA BRANQUITUDE

Nosso penúltimo passo, foi a participação no III Seminário Independente de Educação de Muaná (IIISIEM), no qual contribuimos com uma fala sobre “O papel e as Percepções da Branquitude na Educação”, a partir

de nossos estudos e pesquisa no Mestrado Profissional em Ensino de História. Fizemos um convite ao diálogo, ao debate da branquitude a partir de alguns questionamentos como: O que é branquitude? Como

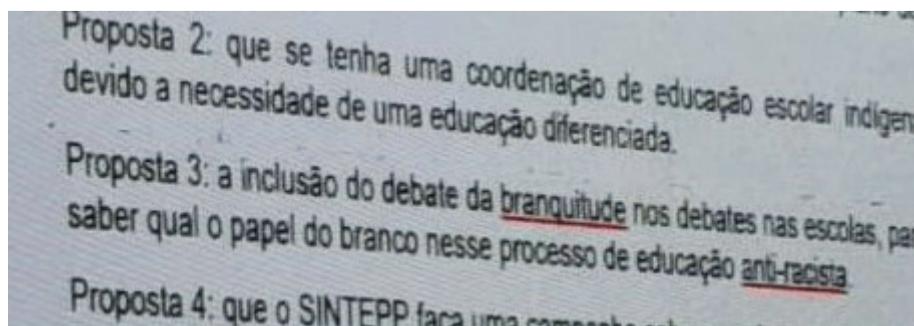
a branquitude é percebida na escola e na educação? Qual o papel da branquitude na escola e na educação? Entre outras, com a intenção era provocar mais questionamentos e debates acerca do tema proposto.

Questionamentos e debates que surgiram, que consideramos um resultado muito importante pois dialogamos com profissionais da educação do ensino infantil e fundamental. Até o momento, nosso último passo foi, a Participação do XXIII Congresso Estadual Dos Trabalhadores

e Trabalhadoras em Educação Pública, do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Educação Pública do Pará (Sintepp). No Grupo de Trabalho 02 (GT/02) – “O Papel das trabalhadoras e trabalhadores em educação no desenvolvimento da

prática antirracista no cotidiano escolar”, propusemos “incluir o debate da branquitude nas escolas para sabermos qual o papel do branco nesse processo da educação antirracista”. Esta proposição foi aprovada e fará parte das diretrizes sindicais a partir do próximo ano.

Figuras 29 e 30: participação e resultado de nossa participação no Congresso do Sintepp.



CONSIDERAÇÕES FINAIS E ALGUMAS PROPOSTAS

Durante nossa trajetória profissional sempre nos incomodou a dificuldade para se fazer aplicar o que dizem as leis 10.639/03 e 11.645/08, que “inseriram” a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas do ensino básico no Brasil. No nosso caso, como professor, a não participação de nossos colegas “brancos” ou suas participações visivelmente a contragosto, nos causava um incômodo ainda maior. Nossas tentativas que aqui foram descritas são uma pequena mostra de nossa tentativa para

superarmos nosso incômodo. Essas tentativas também nos geraram outros incômodos e o principal deles diz respeito ao papel do branco nesse processo e, mais especificamente, o papel do branco na luta contra o racismo, principalmente após inserirmos o tema da branquitude em nossos debates. Lemos, estudamos, analisamos, aprendemos, modificamos, adaptamos, atualizamos ideias e propostas que queríamos trabalhar, pois nossa intenção inicial no início de nossa trajetória no mestrado era: trabalhar a invisibilidade negra, hoje consideramos que

pretos ou negros, dependendo de como se auto identifiquem, foram ou são invisíveis, não porque se colocaram nessa posição, isto ocorreu porque foram invisibilizados, dominados, subalternizados pelo branco europeu, colonizador e depois por seus descendentes. Não houve, não há interesse em torná-los homens, humanos, cidadão. Nossa história faz parte de um longo caminho de explorações, dominações, violências. Essa invisibilidade ocorreu em todas as áreas e aspectos possíveis. Não éramos humanos, não éramos civilizados, não éra-

mos homens nem mulheres. (RODRIGUES, 2022, p. 100) Até chegarmos à proposta que pesquisamos, trabalhamos, desenvolvemos e produzimos nosso texto dissertativo e esta cartilha na qual mostramos nossos passos para debater a branquitude. Precisamos falar de branquitude, precisamos falar de branquitude desde os primeiros anos nas escolas, estas têm que se preparar para falar sobre essa temática, já passou da hora de discutirmos, debatermos nos melhores sentidos destes termos, a branquitude dentro dos espaços escolares. Como dissemos em nosso texto dissertativo que: Podemos constatar

através de nossa pesquisa e experiência docente, a existência da percepção da branquitude que, muitas vezes é ignorada de forma proposital ou não, porque está relacionada a privilégios que as pessoas brancas não estão dispostas a abrir mão ainda. Daí a importância dessas pessoas reconhecerem sua identidade racial branca e os privilégios advindos dela, passem a ser efetivamente críticos, entendam que é papel de todos combater as desigualdades, preconceitos, discriminações, racismo, etc. É de suma importância que todos, efetivamente participem do debate. E consideramos condição imperativa trazer o

debate sobre a branquitude para dentro da escola, educar estudantes, professores e quem sabe demais membros da comunidade escolar no seu dia a dia, nesse ambiente que ainda é reprodutor de estereótipos e preconceitos. (RODRIGUES, 2022, p. 103)

É necessário, que o quanto antes, os brancos se reconheçam enquanto tal, reconheçam que seu papel é muito importante neste debate, é dar um primeiro passo libertando-se de uma branquitude que os restringem. Têm que começar a ver e a entender que seu privilégio de ser branco está assentado na exploração, submissão e sofri-

mento de Outros. O principal resultado de nossas falas sobre branquitude foi a de provocar, incentivar o debate além de causar, instigar a curiosidade e, principalmente incômodos. É necessário o reconhecimento, o debate da e sobre a branquitude, debate sobre o racismo combatendo e quem sabe superando-o, mas para que isto aconteça é necessário também a participação efetiva dos brancos críticos e conscientes. Nesse sentido, em artigo recente para o site DW Brasil, intitulado “Cara gente branca: onde o racismo te toca?” Ynaê Lopes dos Santos faz um importante alerta aos “caros brancos” e a

todos nós, em um trecho nos diz ela Existem muitas maneiras de explicar o racismo, mas aquela que considero melhor é: o racismo é um sistema de poder que fundou a modernidade. Nesse sistema de poder, os indivíduos são classificados de acordo com sua pertença racial. Uma classificação que é propositalmente desigual, criando uma série de benesses para o grupo que se encontra no topo da pirâmide, os brancos, e uma série de ônus para os demais grupos racializados, como negros, indígenas, asiáticos etc. E, a jogada de mestre desse sistema de poder reside, justamente, na não racialização da

população branca. Dito de outra forma, a população branca toma para si o lugar da universalidade, racializando todos aqueles que são os seus “outros”; ou seja, para a imensa maioria da população branca, o racismo segue sendo um problema dos outros. Esse crème de la crème do racismo é o que chamamos de branquitude – um nome mais bonito para falar de supremacia branca. Desse modo, o racismo segue sendo um problema do negro, ou um problema dos indígenas, sem que haja uma percepção mínima de como esses problemas são a mola propulsora para que os brancos não-racia-

lizados se mantenham no topo do sistema de poder que os beneficia. (SANTOS, 2023) A autora propõe a “cara gente branca” (SANTOS, 2023) que olhe ao seu redor e que é fundamental que continuem a se incomodar e desconfortar, pois, “sem essa etapa, não há luta antirracista possível para os brancos e brancas desse país.” (SANTOS, 2023). Com o intuito de contribuição nesta árdua luta, propomos algumas ações para finalizar este instrumento histórico-didático que listamos a seguir:

2. Oferta de Práticas eletivas de acordo com as competências gerais do Novo Ensino Médio;
3. Elaboração e aplicação de Projeto de Vida da escola, também de acordo com as competências gerais da educação básica e obrigatória do Novo Ensino Médio. Neste caso sugerimos um Fórum de debates permanente de caráter (in)formativo e acumulativo, a partir do qual, poderemos multiplicar as experiências e conhecimentos sobre o tema para mais estudantes e professores de nossa e de outras escolas no futuro;
4. Aplicação de oficinas (in)formativas, a princípio para estudantes e

professores e depois para os demais membros da comunidade escolar. Das ações que listamos, elaboramos um projeto para uma Oficina Formativa, no qual descrevemos nossas justificativas, objetivos e metodologias. Ao mesmo demos o seguinte título – “Relações Étnico-Raciais: a importância de debater a branquitude nos espaços escolares para combater o racismo”. A partir deste projeto, de nossos estudos, pesquisa e experiências, estamos mais empenhados em trabalhar e contribuir no que pudermos no debate sobre a branquitude, combate e superação do racismo.

REFERÊNCIAS

- BERNARDINO-COSTA, Joaze & GROSGOUEL, Ramón (2016) “Decolonialidade e Perspectiva Negra”. *Sociedade e Estado*, vol. 31, n, pp. 15-24.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL Ramón. *Decolonialidade e perspectiva negra*. *Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro /Abril 2016*.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Introdução: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. In. BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Orgs.) *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- CARDOSO, Lourenço. *O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957 - 2007)*. *Dissertação de Mestrado*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.
- CARDOSO, Lourenço. *O Branco Ante a Rebeldia do Desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil*. *Tese de Doutorado*. Araraquara: Unesp, 2014.
- CARDOSO, Lourenço. *A branquitude acrílica revisada e as críticas*. In. MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.
- CARDOSO, Cíntia; DIAS, Lucimar Rosa. *A branquitude como entrave a implementação da Lei Federal 10.639/03 na educação infantil*. *Revista do Centro de Educação UFSM; Santa Maria; v. 46, 2021*. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao>
- CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs). *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *Do epistemicídio*. In: *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Feusp, 2005. (Tese de doutorado).

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais: Projeto Pele negra; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Bia. *Cota Não é Esmola*. São Paulo: Alafonte Network, S. L. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CIKAJWeJJWE&list=PLm8yZ3o7xdjl0QGB2i8cAcqdhoGAMSnMS&index=1>. Acesso em 20 Mar. 2020.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. Portal Geledés: questão racial – artigos e reflexões. 2017 Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-relacoes-raciais-no-brasil-uma-breve-discussao/>. Acesso em: 16/02/2022.

GOMES, Nilma Lino. *Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03*. Portal Geledés: Educação, Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/educacao-relacoes-etnico-raciais-e-lei-10-63903-2/>. Acesso em: 16/02/2022.

GROSGOUEL, Ramón. “Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada”. In: Bernardino-Costa, Joaze, Maldonado-Torres, Nelson & Grosfoguel, Ramón. *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica (pp. 55-77). 2018.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 10ª. ed. Rio de Janeiro: DP&a. 2005.

<https://www.frm.org.br/conteudo/mobilizacao-social/solucao/cor-da-cultura>

SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Cara gente branca: onde o racismo te toca?* Portal DW Brasil. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/cara-gente-branca-onde-o-racismo-te-toca/a-65052816?utm_campaign=later-linkinbio-dw.brasil&utm_content=later. Acesso em 22/03/2023.

PARÁ. *Secretaria de Estado de Educação do Pará. Documento Curricular do Estado do Pará –Etapa Ensino Médio: Volume II*. Belém: SEDUC-PA, 2021.